

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2010

Darcy Ribeiro, fotógrafo

Fotos de Darcy Ribeiro



Dois mil negativos do antropólogo com alto valor artístico são descobertos no acervo do SPI e viram exposição

Karla Monteiro

Milton Guran achou um tesouro. Foi assim: em agosto, o fotógrafo e antropólogo recebeu um convite do Museu do Índio para fazer a curadoria da mostra “Primeiros contatos — Atrações e pacificações do SPI”. Para tal missão, teria que fuçar o arquivo de mais de 20 mil fotografias do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão que antecedeu a Funai. Mexe e remexe, Guran se deparou com um belíssimo material — cerca de dois mil negativos — que chamou a sua atenção. O autor? Darcy Ribeiro. Extasiado com a descoberta, ele trabalhou freneticamente para montar a exposição “O olhar preciso de Darcy Ribeiro”, que abre segunda-feira na Caixa Cultural. O próximo passo é um livro, previsto para 2011.

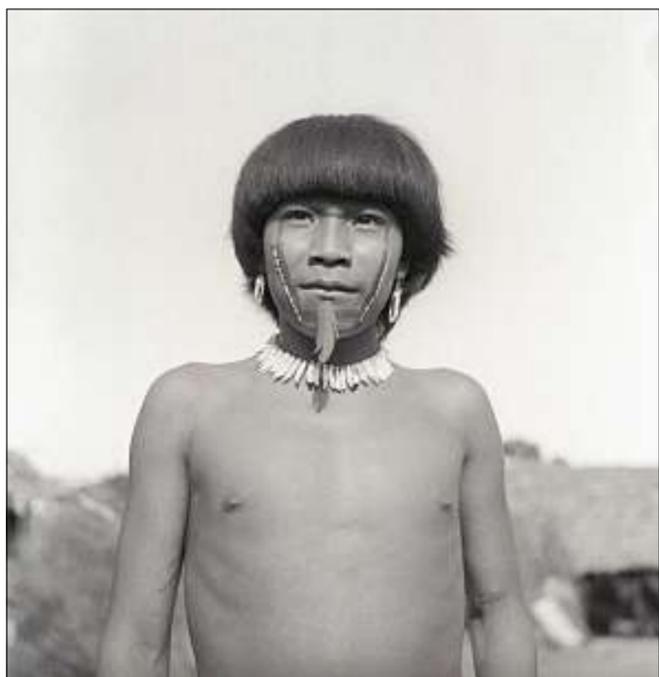
— Encontrei um conjunto de fotos de autoria do Darcy perdido entre milhares de documentos. São fotos excepcionais. Já trabalhei na Funai e já trabalhei no Museu do Índio, que hoje guarda o arquivo do SPI. E nunca soube da existência dessas fotos — diz Guran. — O Darcy foi um antropólogo, um educador, um romancista, um político. Mas o que nos interessa é o brasileiro que pensou o Brasil. O importante nas fotos é o olhar dele.

Mostrando cópias das 50 fotos selecionadas para exposição, Guran se admira com a excelência, a beleza, a humanidade do trabalho:

— Está aqui o olhar instrumentalizado da antropologia, que busca indicativos da construção da cultura. Mas o Darcy extrapolou isso. Ele estabeleceu uma ligação fraterna, de igual para igual, com os índios. Trata-se de uma fotografia humanista. Um diálogo visual do Darcy com os seus amigos.

A exposição “O olhar preciso de Darcy Ribeiro” faz parte da série de eventos “Brasilidade”, capitaneada pelo Ministério da Cultura. A fotos que integram a mostra foram tiradas entre 1947 e 1951, em três comunidades indígenas: kadiwéu, urubu-ka’apor e oafayé. Na tribo dos kadiwéu, o antropólogo realizou a sua primeira pesquisa de campo, como etnólogo do SPI. Com os urubu-ka’apor, trabalhou por dois anos, em duas grandes expedições. Entre os oafayé, ficou só um mês, mas produziu o único registro fotográfico histórico dessa tribo, hoje com apenas 60 representantes.

— O acervo do SPI tem uma importância extraordinária, tanto que em 2008 passou a integrar o programa Memória do Mundo, da Unesco. O trabalho do Darcy, além do valor documental, tem valor fotográfico — diz Guran. ■



A PARTIR DO ALTO, em sentido anti-horário: família guarani-kaiowá vivendo entre os oafayé, em 1948; crianças da tribo urubu-ka’apor, em 1951; jovem urubu-ka’apor, também em 1951; e o próprio Darcy Ribeiro posando entre índios kadiwéu, em 1947

Berta Ribeiro

